

INOVAR PARA CRESCER A MAIA NO CENTRO DA CRIAÇÃO DE EMPREGO

1- O Mundo Global e os fenómenos de inserção colectiva

O processo de globalização competitiva, o terrorismo religioso, a “escassez” do petróleo e a importância da energia introduziram no nosso discurso político a necessidade da protecção do Planeta assente num desenvolvimento sustentável como matriz principal de todas as políticas dirigidas às pessoas.

As novas condições de competição mundial entre estados, cidades e empresas marcam o ritmo da actividade económica do século XXI e a importância da criação de emprego. Esta é uma ideia que está associada ao código genético da Maia.

Da dificuldade à oportunidade assente no apoio ao empreendedorismo, numa nova atitude face às empresas e no desenvolvimento de políticas de responsabilidade social estando atento ao aprofundamento da integração Europa - EUA e ao avanço da ciência e da tecnologia o que permite falar com orgulho de áreas de acolhimento empresarial de grande nível urbanístico e de qualidade na oferta de serviços e produtos.

A Maia, hoje um concelho escolhido pelos maiores grupos nacionais e estrangeiros, é um local onde as dificuldades se podem transformar em riqueza. CIN, SONAE, BIAL, TECMAIA, CTT são nomes e marcas empresariais que aqui se instalaram quando falar de empreendedorismo ou de criação de emprego era uma miragem nos discursos de alguns. Qual foi o nosso segredo?

2 – Saber inovar nas empresas

Nas duas últimas décadas as tecnologias de informação e comunicação provocaram uma revolução também nos modelos e processos de negócio e conseqüentemente promoveram a inovação nas empresas.

De acordo com o paradigma de gestão mais actual, a empresa tem de se focalizar nos seus clientes e ser capaz de lhes proporcionar a maior criação de valor acrescentado possível. Isto tem conduzido a uma relação cada vez maior entre as empresas e os seus fornecedores e clientes, criando novos modelos de negócio que privilegiam as redes de cooperação em vez de actuações isoladas de empresas.

Por isso, é preciso revisitar o conceito de inovação, que não a sua definição, e modificá-lo em função das funcionalidades proporcionadas pela constante evolução das tecnologias avançadas de informação e de comunicação. A experiência de muitas e muitas empresas com os seus fornecedores e clientes num modelo em rede de cooperação permite, hoje, verificar que, os exemplos melhor conseguidos, são aqueles que partilham informação, conhecimento e competências num processo de parceria.

A inovação mais significativa será a que diz respeito à inovação organizacional que muito permitirá às empresas aumentarem significativamente a sua produtividade em volume de vendas e valor acrescentado dos negócios realizados e cada vez mais se verificará no futuro com a maturidade do modelo das redes de cooperação e em particular com a aposta em parcerias do tipo “win-win”.

Características como a flexibilidade, a diversificação, a diferenciação, a globalização, a internacionalização e integração, são hoje definitivamente conceitos que têm de estar endogeneizados na aprendizagem de cada um de nós logo à partida para conquistar um emprego e contribuir de modo individual para tornar a economia mais competitiva e com um maior valor acrescentado.

O crescimento e o desenvolvimento sustentável passa pela promoção de uma cultura de empreendedorismo, designadamente junto dos jovens, estimulando-os a criar empresas de base tecnológica, da adaptação de cursos de formação para gestores e quadros de PME's,

pela oferta no local do trabalho de sistemas de ensino e formação em gestão e consultoria, de conhecimentos e disseminação de conhecimentos sobre tecnologias dirigidas às PMEs para que estas empresas possam identificar, seleccionar, adaptar e utilizar as novas tecnologias de informação e produção com o objectivo de aumentar a competitividade e garantir a empregabilidade dos colaboradores das empresas.

3 – Saber inovar em parceria empresa/universidade

A política de inovação, a exemplo do que se passa nos países do norte da Europa e, em particular, na Áustria, deverá ser formulada de uma forma simples para que possa ser implementada sem ambiguidades. Na Maia podemos definir este desejo segundo duas linhas de actuação, sempre tendo como paradigma de acção centrar esta política nas empresas.

Assim numa primeira linha de acção, pretende-se mais inovação nas empresas que já inovam e mais empresas a inovar e numa segunda linha de acção dever-se-á procurar uma focalização nas tecnologias específicas que permitam às empresas criar e produzir novos produtos e serviços.

Entre as muitas linhas de acção que podem ser encontradas para concretizar a articulação entre as empresas e a universidade de acordo com o modelo em rede de cooperação, exige-se a organização clara dos respectivos nós da rede que permitam criar as referidas redes de cooperação seguindo a estratégia de parceria “win-win”.

As universidades têm estes nós claramente definidos através das suas interfaces com o exterior, designadamente os centros de investigação, os laboratórios associados, os seus institutos de interface e alguns departamentos mais inovadores que criaram formas diversas de relacionamento muito interessantes em termos de modelos de governação.

Este quadro permitirá às empresas e às universidades analisar os seus pontos fortes e quais os pontos fracos dos vários sectores industriais e de serviços e formular estratégias de acção para diminuir as diferenças de conhecimento, de competência, de formação avançada e profissionalizante que esses sectores demonstrem ter e a partir daqui permitirá

construir parcerias “win-win” entre empresas e universidades para ultrapassar os pontos fracos e absorver e fortalecer os pontos fortes.

Queremos empresas a afirmarem-se, internamente e externamente, como empresas que dão prioridade à inovação e que possuem profissionais dedicados e aptos a investigarem e a desenvolverem as “soluções” do futuro. Estas “soluções” serão responsáveis pela geração sustentada de riqueza, por mais e melhores empregos, pelo relacionamento profícuo com as Universidades, pela criação de uma nova classe empresarial e provavelmente por um contributo decisivo para a economia nacional.

Conclusão

A Maia e os maiatos podem orgulhar-se do seu concelho e do contributo que este tem dado para a economia nacional e para o PIB português. Conhecido na União Europeia como um concelho com políticas de sustentabilidade, a Maia prepara-se já para uma nova geração de políticas ambientais e de sustentabilidade.

O mundo a isso a obriga.

A linha estratégica será continuar a pensar global para agir localmente.

